

2.7 • As Forças Armadas dos PALOP

O negócio da força em África: o nexo estabilidade-segurança

Sandro Mendonça

VOIVIDO MAIS DE MEIO SÉCULO sobre o início dos processos de independência da generalidade dos países africanos e quase um quarto de século sobre o fim da Guerra Fria é importante tentar discernir as especificidades da actual fase de desenvolvimento subsaariano. Que lógicas ao nível de estabilidade social se desenham num contexto de reanimação económica em países onde o Estado moderno formal de tipo ocidental sempre teve fortes dificuldades de legitimação e actuação? Neste trabalho pretendemos entender as condições-base para prospectivar áreas temáticas onde a paz social e os interesses económicos se justapõem: os mecanismos de gestão de risco económico-social e de tensão étnico-política.

África no contexto económico global

Em princípios de 2013 o Fundo Monetário Internacional (FMI, 2013) projectava que as dificuldades na actividade económica se estendessem por 2014. Países como os EUA, a Alemanha, o Reino Unido acabaram o último trimestre do ano 2012 registando quedas no seu produto. A crise económica e financeira, que estalou nos EUA em 2008 e se espalhou à Europa em 2009, revelou efeitos mais prolongados que o previsto pelos poderes instituídos desses centros. O canto ocidental do hemisfério norte bateu todas as estimativas das organizações internacionais pela negativa. A “acção económica” não tem estado nos países até agora ditos “avançados” mas sim a sul e a oriente. Um mundo económico mais multipolar tem ganho forma. Os países “avançados” em 2012 cresceram 1,3% no seu conjunto (com os EUA a crescerem 2,3%, o Japão 2,0%, a UE a contrair em -0,2%) enquanto os “países emergentes” cresceram 5,1% (Ásia 6,6%, África subsaariana 4,8%,

América Latina 3,0%). Entre os dez países com maior crescimento do mundo entre 2010 e 2011 contavam-se 6 países africanos e 4 asiáticos. Para o horizonte 2015 entre os dez países para os quais é projectado maior crescimento económico percentual incluem-se 7 africanos e 3 asiáticos. Este progresso tem estado relacionado com a capacidade de tirar partido da globalização: o crescimento das exportações dos países avançados foi 2,1% em 2012 e espera-se que seja 4,5% em 2014, enquanto os números para os países emergentes são 3,6% e 6,9%, respectivamente. África tem feito parte deste desempenho mais diversificado da economia mundial: apesar de não ser exactamente pelo seu dinamismo interno a economia africana tem reagido às oportunidades em mais pontos geográficos e sectoriais que noutras décadas. África tem surgido também como um crescente comprador mundial de bens e serviços. De acordo com a organização comercial do Comércio (OMC, 2012), enquanto o crescimento das importações em 2010 e 2011 foi de 21% e 19% para o mundo como um todo, em África foi de 15% e 20%.

A evolução do risco num continente em mudança

A importância económica da África subsaariana tem aumentado e, paralelamente a esta, a importância geoestratégica do continente tem gradualmente crescido aos olhos de um mundo mais multipolar. O seu protagonismo no abastecimento de mercadorias-base tem-se reforçado (nomeadamente petróleo e gás) num contexto em que a instabilidade no Médio Oriente e Norte de África tem constrangido a oferta mundial de energia, ao mesmo tempo que os países emergentes

têm aumentado as pressões do lado da procura. No tempo presente os principais parceiros comerciais da África subsaariana são os EUA, a Europa e a China, com esta última a ganhar rapidamente expressão num quadro de intensificação da rivalidade entre as grandes economias mundiais pelo acesso ao mercado africano. Ao mesmo tempo, tensões internas em território africano têm evoluído. De 1945 até à década de 1970 decorreram guerras e convulsões relacionadas com os processos de independência, emancipação e secessão. Da década de 1970 até 1990 co-existiram em vários pontos do continente guerras civis especialmente sangrentas, como por exemplo em Angola e Moçambique. Durante todo este tempo do pós-Segunda Guerra Mundial até ao fim das Guerras Coloniais boa parte da interferência externa seguia uma lógica afectada pelos interesses das super potências que lutavam pela hegemonia.

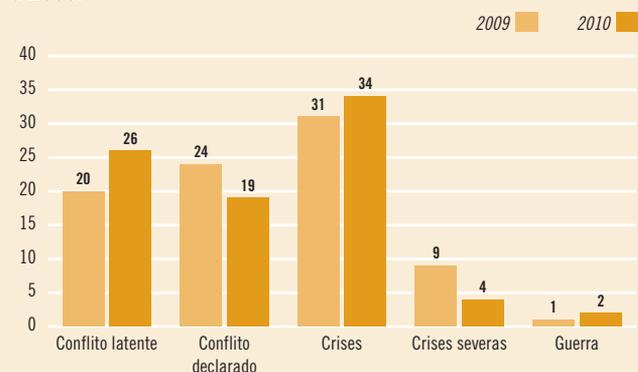
“África [...] começa a ser um continente em reconstrução institucional e económica, embora ainda não em ampla recomposição social.”

Desde então vários foram os eventos marcados por extrema instabilidade e violações massivas de direitos humanos: sobressaem divisões interétnicas (por exemplo, Ruanda, Uganda), banditismo e crime organizado (Somália, Guiné-Bissau), elites governativas em crise (Libéria, Zimbabué)

A NATUREZA E EVOLUÇÃO DA INSEGURANÇA NA ÁFRICA SUBSAARIANA

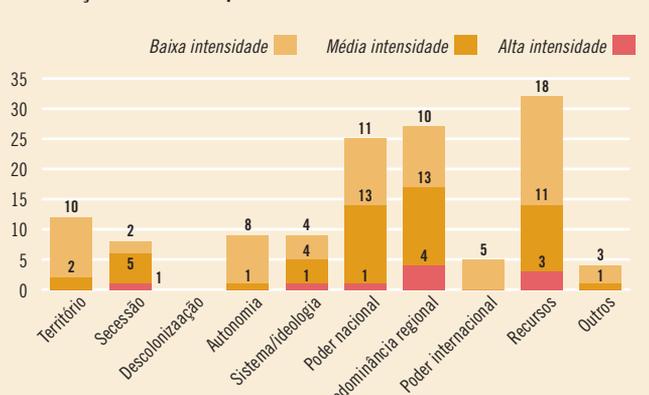
Nas sociedades pós-coloniais o risco é cada vez mais de nível intermédio (transição de “conflitos” para “conflitos latentes” e para “crises” de natureza moderada) e determinado por motivos económicos (luta por recursos, disputas competitivas).

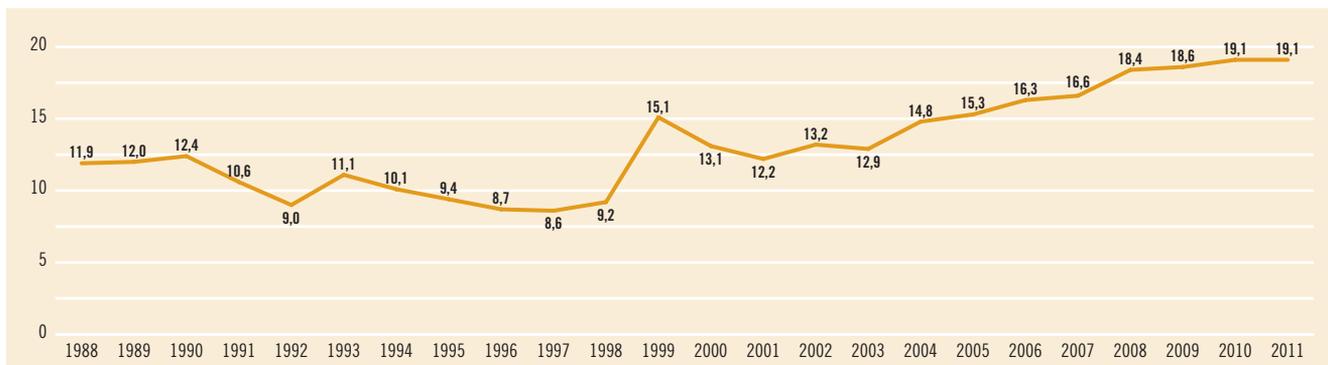
Intensidade dos conflitos na África subsaariana, em 2010, comparado a 2009.



Fonte: HICR, 2010.

Distribuição de conflitos por intensidade em 2010.





**Despesas em defesa registadas na África subsaariana (milhares de milhões de dólares, preços constantes).** Nota: Os gastos em material militar em África têm exibido uma tendência crescente desde os inícios deste século. Se no contexto mundial o peso de África era de apenas 0,8% em 1988, em 2011 era já de 1,2%. Fonte: SIPRI.

e conflitos motivados por controlo de recursos (por exemplo, R.D. Congo, Nigéria, Serra Leoa, Sudão) entre outras variedades de violência. Actualmente cerca de 200 milhões de pessoas vivem ainda em zonas de conflito, ou seja, 20% de incidência num continente com uma população de cerca de mil milhões.

### Um continente em consolidação e crescimento mas ainda sem coesão

Apesar de tudo África já não é a zona mais explosiva do planeta (HICR, 2010). Em 2010 existiam 363 situações de crise e conflito no mundo, a maior parte delas verificavam-se na Ásia e Oceânia, 114. Em território africano subsistiam 85 casos, ou seja, 23,4% do total.

Uma razão para esta tendência de contenção relativa tem sido a evolução na arquitectura de segurança do continente, algo do directo interesse das potências investidoras externas. A União Africana, por exemplo, começou a sua actividade

em 2002 pautada pela doutrina da “não-indiferença” em relação aos assuntos domésticos dos países africanos. Apesar dos múltiplos constrangimentos, trata-se de um novo actor colectivo com potencial ainda não esgotado na prevenção de conflitos (com condenações políticas e sanções económicas perante mudanças de poder “não-constitucionais”) bem como em operações de paz (com a constituição de brigadas regionais).

África, dir-se-ia, começa a ser um continente em reconstrução institucional e económica, embora ainda não em ampla recomposição social. A desigualdade de rendimentos e a rivalidade económica crescem colocando as diferenças entre classes sociais e entre etnias como um visível elo fraco. Neste prisma o processo de crescimento económico, ele próprio tributário de condições de paz, pode levar a uma procura acrescida por instrumentos de pacificação, isto é, pode levar a um renovado investimento em recursos destinados a assegurar a previsibilidade do ambiente socio-

económico. Por outras e mais paradoxais palavras: mais estabilidade relativa pode ainda assim levar a maiores e novas compras de armamento e contratação de protecção. Se a segurança traz desenvolvimento, estará agora a chegar a vez do desenvolvimento levar a mais segurança?

### Evolução no sector Africano de defesa e segurança

A manter-se a trajectória geral de desenvolvimento africano no sentido de governos constitucionalmente operacionais e de estruturas económicas de natureza capitalista podemos assistir a evoluções significativas na gestão do risco político e social. Qual a natureza destas “evoluções”? As evoluções poderão ser quantitativas e qualitativas. Importa também distinguir entre indicadores de “bens” e de “serviços”. Poderemos destacar ainda as funções de soberania num contínuo militar-civil. E a provisão e a operação destas funções serão esboçadas previsivelmente num misto público-privado. Expliquemo-nos...

Evoluções quantitativas prendem-se com despesas em defesa militar e em segurança civil em alta. Por “maiores compras de armamento” entenda-se a compra de equipamento mais sofisticado e de maior porte o qual acaba por ser registado nas contas nacionais. Note-se: esses aumentos serão efectivos em termos reais mas também mais reportados nas estatísticas oficiais.

Evoluções qualitativas referem-se a uma procura de bens e serviços de segurança com características mais sofisticadas e profissionalizadas. Por “contratação de protecção” entenda-se a aquisição formal dos préstimos de empresas profissionais de segurança em regime de subcontratação, as quais podem ter aspectos de defesa ou ordem pública. Note-se: é possível assistirmos a uma convergência do mercado da força africano com os padrões de procura dos países mais avançados. ■

### O CASO RECENTE DO MALI

Um exemplo recente de conflito pode revelar algumas facetas actuais da violência em África. A este caso, por exemplo, não têm sido alheios intervenientes externos com interesses globais e regionais, incluindo a influência de poderosos países vizinhos (como a Argélia), antigas potências coloniais (França) e actores não Estatais (redes rebeldes).

O caos no Mali, cujo governo não eleito caíra em Março de 2012, não é uma ilha. O caso não é desligável da frente norte-africana na “Guerra Global ao Terror” (os EUA lançaram o AFRICOM em 2008 trabalhando e forjando operações secretas em aliança com alguns governos locais) e das consequências indesejadas das “Primaveras Árabes” (designação, aliás, infeliz pois não tiveram o seu foco na península arábica nem começaram na Primavera). Por exemplo, o derrube do regime de Muammar Kadhafi levou à proliferação descontrolada de armamento e de mercenários no Sahel: armas em quantidade (contrabando a partir dos países libios) espalharam-se do Mali à Somália; militantes em qualidade (experientes, treinados e motivados) distribuíram-se desde o Níger ao Chade.

O caso do Mali (um país rico em depósitos de ouro e uma variedade de outros recursos minerais) revela, igualmente, instâncias de acção colectiva. O Conselho de Segurança da ONU aprovou nos fins de 2012 uma resolução a favor de uma intervenção para lidar com os grupos armados em actividade (uma proposta submetida pela França). Para preencher esta abertura de agenda existia o candidato regional, a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental. No entanto, a 11 de Janeiro de 2013 são forças francesas que iniciam a intervenção, formalmente apoiadas pelo exército regular maliano e pouco depois por tropas de países da União Africana. Enquanto este “esforço de equipa” era bem-sucedido no Mali, cerca de uma centena de peritos norte-americanos em “informações militares” estavam já em território Nigerino em Fevereiro seguinte e a preparar uma base para “drones”.

Os movimentos neste tabuleiro regional servem necessariamente para consumo de outras potências emergentes a nível mundial, isto é, os variados recursos desta região (incluindo urânio e metais raros) passarão a ser mais policiados e regulados. Se a história prosseguir com as inércias a que persistentemente nos habitua neste continente, os benefícios dos progressos não passarão ao lado dos seus patrocinadores directos.

Fonte: Report Update: Unsecured Libyan Weapons – Regional Impact and Possible Threats do Civil-Military Fusion Centre de Novembro de 2012 e “The sponsors of war: They are at it again” da revista NewAfrican de 13 de Janeiro de 2013.

### Referências

- FMI (2013) — *World Economic Outlook Update*. Washington, DC: FMI.
- FMI (2012) — *World Economic Outlook*, Washington, DC: FMI.
- OMC (2012) — *International Trade Statistics 2012*. Genebra: OMC.